

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

VALENTINA MORETTO BENATTI

EDUCAÇÃO, ESCOLA UNITÁRIA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

UBERLÂNDIA

2024

VALENTINA MORETTO BENATTI

EDUCAÇÃO, ESCOLA UNITÁRIA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Monografia apresentada junto ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia com o intuito de obtenção dos títulos de licenciatura e bacharelado em História

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais.

UBERLÂNDIA

2024

VALENTINA MORETTO BENATTI

EDUCAÇÃO, ESCOLA UNITÁRIA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Monografia apresentada junto ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia com o intuito de obtenção dos títulos de licenciatura e bacharelado em História

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais.

Uberlândia, 12 de abril de 2024

BANCA EXAMINADORA

Dr. Sérgio Paulo Morais
Universidade Federal de Uberlândia

Ms. Núbia Tortelli Mendonça
Professora na Rede Municipal de Uberlândia e na Rede Estadual de Educação

Dr. Douglas Gonsalves Fávero
Secretaria Municipal de Educação/Prefeitura Municipal de Uberlândia

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a nada ou a ninguém além do material da minha vida, nada ou ninguém a mais do que aqui consta, nada além das relações que se forjaram na realidade do que existe e se desenrolaram meus dias.

Assumo aqui a difícil tarefa de agradecer tudo e todos que passaram ou permaneceram na minha vida até o presente, porque tudo isso tem a ver com o agora. Apesar de que sei que esse não é o limite dessas relações, eu agradeço agora, no entanto, essas vivências já fazem parte de diversos outros momentos que ainda sequer existem, mas que de alguma forma antes mesmo de se formarem estabelecem essa relação direta com essas pessoas. Se pararmos para pensar, a cabeça dá um nó (ao menos a minha, como de costume), me resta a convicção de que não sou feita apenas de mim, sou o que sou decorrente de minhas vivências, sou o que sou advinda das pessoas às quais um agradecimento parece muito pouco, a vocês, meus mais intensos e eternos sentimentos de amor e carinho.

Tentando organizar meus pensamentos, recorro ao óbvio. Nada mais assertivo, senão começar de começo. À mamãe e papai, pessoas mais íntegras que conheço, obrigada por serem referência de retidão, pode parecer ínfimo, mas notei ao longo dos anos longe do ninho, que muitas pessoas, sem isso, sucumbem ao individualismo e percorrem caminhos que mais causam constrangimento, muitas vezes sem sequer enxergar seus próprios pecados. Muito graças a vocês minha consciência é vigilante. Agradeço também por me passarem a sementinha da inquietação, por terem me estimulado a criticidade e, assim, me livrarem de uma vida de apatia. Agradeço pelo óbvio, por sempre, acima de tudo, visar a minha passagem pela universidade pública e de qualidade, por defenderem este ensino e por acreditarem na educação. Eu, enquanto professora e militante, não poderia me orgulhar mais dessa herança.

Agradeço minha vovó Santa, que, mesmo com as inúmeras dificuldades que apresentei desde menina sobre disciplina e o processo de aprendizado, conseguiu me ensinar desde bordar até a tabuada. Me acompanhou em diversas tarefas de casa, tanto quanto me incentivou habilidades práticas e me inspirou, com sua postura e história de vida fascinante e sofrida, que não poderiam influenciar nada que não fosse rebelde, nada que não fosse empático e humano. Vó, a senhora está em mim em níveis tão fundamentais, eu não poderia conceber nada que não perpassasse a sua presença.

Agradeço minha amada Tia Elô, que sempre garantiu sua companhia com uma escuta zelosa e validou cada uma das etapas da minha vida. Meus hermanos, Virgin e Ferds, obrigada pela vida conjunta, obrigada pelo laço sanguíneo que resultou em uma ligação de vivências

indescritível e necessária na minha formação. Eu definitivamente, seria outra pessoa sem vocês, pessoa essa que não me cativa e não me desperta o mínimo interesse. Obrigada pela confiança política e por legitimarem meus conhecimentos em conversas descompromissadas. Amo vocês eterna e incondicionalmente. Assim como minha heroína, minha sobrinha, Maria Flor, você me enche de esperança, a sua existência rompe com minhas perspectivas pessimistas sobre a humanidade, se o mundo fosse governado por você, certamente viveríamos melhor. E certamente seria proibida a venda de ervilha enlatada e a estética emo nunca morreria. Você acreditar em mim, faz eu acreditar também. Obrigada, nenê.

Emilene, a maneira como eu me sinto acolhida ao seu lado é algo raro e precioso, ao longo dessa pesquisa sua empatia me protegeu em momentos de muita insegurança e tristeza. Eu agradeço todo o carinho que você dedicou ao longo de toda sua vida à mim. Sem o seu suporte eu não chegaria a lugar algum. Te amo.

Quero agradecer quem fez parte da minha trajetória escolar e de uma forma ou de outra se faz presente aqui, meus eternos amigos do grupo intitulado “Texugos Assassinos”, que de brutal ou feroz nada têm, muito pelo contrário, me ajudaram a forjar meu caráter ao longo do ensino fundamental com muitas risadas. Obrigada, especialmente a Alam, Bárbara, Lucas Loiro e Andrézinho. Agradeço também a todo meu percurso de ensino médio na Etec Philadelpho Gouveia Netto que contribuiu tanto para o meu conhecimento de mundo, empatia e companheirismo, ali conheci na prática o significado dessas palavras ao lado de Felipe e Gustavo, pessoas que fizeram casa indemolível no meu coração. Agradeço à UFU, e ao ensino público, gratuito e de qualidade, por, claro, me proporcionar o ofício, mas muito além disso, me proporcionar vivências que definem fortemente quem eu sou, construção compartilhada com colegas de sala que se tornaram grandes amigos, Eduardo, Júlia e Derick, amados, que me proporcionaram não apenas conhecimento sobre senso estético, mas também enfrentaram junto a mim os primeiros desafios da graduação. Assim como Beatriz, herança da turma 43, amizade improvável que, hoje, diariamente, me serve de exemplo de competência e solidariedade. Eu amo que por qualquer coincidência do destino tenhamos iniciado essa jornada juntos. Também ocasionado pela UFU, meu querido amigo Agenor, com quem compartilho todo tipo de humor barato desde a primeira troca de olhares. Ao Felipe Ralf, primeiro veterano a me receber, me apresentou a universidade e o curso de história, estendeu todos os membros para que eu me sentisse incluída e quando isso estava assegurado, partiu, deixando dezenas de amigos e admiradores para exercitar sua memória, inclusive um centro acadêmico batizado com seu nome. Obrigada. Meu mais que amigos Paulinha e Romulo, que, com seus jeitos distintos e ímpares jamais mediram esforços para me ajudar a reerguer-me. Obrigada, obrigada.

Aos professores do INHIS, que são exemplo de prática pedagógica respeitosa e eficiente. Professora Regina, com quem aprendi toda a base dos meus conhecimentos sobre a licenciatura, passando por tudo que é fundamental e real. Se um dia serei de fato professora, você definitivamente tem a ver com isso. Professor Deivy, obrigada pelas longas conversas, algumas vezes em discordância, sem dúvidas serviram e ainda servem muito para minha formação, jamais aproveitei uma disciplina como as que você lecionou. E Professor Sérgio, você me acolheu durante todo esse longo processo de escrita sem jamais me fazer sentir mal sobre minhas dificuldades, muito pelo contrário, cada e-mail trocado com o senhor foi um motivo para não desistir. Sem o senhor eu jamais teria concluído o curso de História. Os levarei para toda a vida.

À minha organização e meus companheiros de luta, Núbia, ter sua amizade ao meu lado já seria motivo suficiente para te enaltecer, mas você vai além disso quando esteve junto a mim em diversos momentos da minha licenciatura, incansavelmente cumprindo seu trabalho com maestria, sendo honesta sobre as dificuldades e frustrações, assim como encorajando cada um dos estagiários. Ter aprendido grande parte da docência através de você, é algo que eu muito me orgulho. Dodô, sinto privilegiada em poder compartilhar contigo desde meu primeiro passo na militância, o companheirismo da luta. Você não só me deu suporte quando defini minha orientação política, como sempre dispôs o ombro amigo. Tauffer, com quem vivi na pele as incoerências do movimento estudantil e foi pilar ao longo de tantas experiências desencorajantes, sua honestidade e lealdade sempre foi um amparo na minha trajetória. Vocês fazem real diferença em qualquer espaço em que estiverem. Obrigada.

Juliana e Henrique, meus mais que fiéis companheiros do dia a dia. Vocês me ajudam diariamente quando têm a sensibilidade de lidar com minha cabeça bagunçada, em um bar ou em uma conversa séria. Vocês foram escape em momentos de muita dor e opiniões valiosas em momentos de decisão. Agradeço também ao Miguel. Um lado bom de ter demorado a graduar, foi ter te conhecido, me sinto mais capaz quando deposita sua confiança em mim, obrigada pelas conversas, pelos apoios e companhias.

Ao Tom quero destinar meus mais profundos agradecimentos, tão profundos que odeio ter que fazê-los. Odeio porque mais que nunca parecem insuficientes diante do quão fundamental foi sua presença ao longo de tudo isso. Obrigada por ter feito por mim que eu jamais teria feito. Obrigada por não ter me deixado de onde eu não sairia sozinha. Obrigada por se esforçar tanto em entender o que se passa dentro deste organismo que é tão diferente do daí. Te amo.

Ao time de handebol da Humanas que faz entender o que, de fato, é espírito esportivo e a própria A.A.A. Humanas por ter me possibilitado exercitar e manter minimamente estável minha saúde mental através dos esportes. Afinal esses agradecimentos perpassam também estar viva para escrever. Nada valeria a pena sem vocês, como disse em outro momento: não vale a pena viver senão em companhia.

Aqui finda um caminho que foi mais longo do que deveria, o que eu poderia ter previsto, já que o meu tempo, é sempre um tempo mais atrasado que o comum e eu estaria mentindo se dissesse que não é doloroso perceber isso. Eu sinto muito a todos que eu incomodei sendo assim, mas seguirei da mesma forma; tem coisas que a gente não muda, algumas porque não pode, outras porque não quer. E, pasmem, finalmente: POR FIM: agradeço ao leitor. Sei que meu trabalho jamais estaria atrelado a ideia de intelectual. Não é da minha personalidade contribuir grandemente com debates teóricos, felizmente ou infelizmente, sou aquela que carrega cadeiras. Sempre fui e eventualmente me conformei. É até engraçado ter acabado cursando História... Poder entender nossas potências (ou a falta delas) é interessante para conseguir canalizar nossas energias e contribuir nos nossos meios coletivos de forma consciente. Eu não sou aquela grande referência teórica, mas talvez aqui o que eu posso extrair é a assimilação do que eu entendo como minha orientação política e meu ofício... Esse grande elo, muitas vezes esquecido; talvez aí esteja minha singela colaboração.

*Enquanto houver espaço, corpo, tempo e algum
modo de dizer não, eu canto*

Antônio Carlos Gomes Belchior

RESUMO

Esta monografia, apresentada no curso de história da Universidade Federal de Uberlândia, é resultado de uma pesquisa que busca compreender, através das perspectivas marxistas a função histórica da escola, desde sua origem no trabalho humano, até sua evolução ao longo dos anos. O objetivo principal é realizar uma crítica à escola no contexto do sistema capitalista, argumentando que este contribui significativamente para a precariedade da educação, especialmente para os estratos mais desfavorecidos da sociedade. A metodologia empregada consistiu em uma revisão bibliográfica sobre a história da educação e algumas teorias marxistas relacionadas. A pesquisa examina a proposta de uma "Escola Unitária", conforme articulada por Gramsci, contextualizando-a dentro do debate educacional. Conclui-se que a educação é intrinsecamente relacionada às estruturas econômicas e sociais, sendo moldada pelas relações de produção. Enquanto o sistema capitalista prevalecer, é improvável que ocorram mudanças significativas na qualidade e na natureza emancipatória da educação.

Palavras-chave: Educação; Escola; Emancipação Social; Marxismo; Escola Unitária.

ABSTRACT

This monograph, presented in the History course at the Federal University of Uberlândia, results from research aiming to understand, through Marxist perspectives, the historical function of schools, from their origins in human labor to their evolution over the years. The main objective is to critically assess the school within the context of the capitalist system, arguing that it significantly contributes to the precariousness of education, especially for the most disadvantaged strata of society. The methodology employed consisted of a literature review on the history of education and some related Marxist theories. The research examines the proposal of a "Unitary School," as articulated by Gramsci, contextualizing it within the educational debate. It is concluded that education is intrinsically related to economic and social structures, being shaped by production relations. As long as the capitalist system prevails, significant changes in the quality and emancipatory nature of education are unlikely to occur.

Keywords: Education; School; Social Emancipation; Marxism; Unitary School.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. TRABALHO E EDUCAÇÃO.....	15
3. GRAMSCI E A ESCOLA UNITÁRIA	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS:.....	40
ANEXO I.....	42

1. INTRODUÇÃO

A relação entre trabalho, educação e formação de classe é um tema central nas reflexões de diversos pensadores ao longo da história. A educação é uma prática social intimamente ligada às relações de produção de uma sociedade, refletindo e reproduzindo as estruturas sociais e econômicas dominantes. Ao longo da minha graduação tive, desde cedo, experiências com a docência. A princípio através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), mais tarde através do Programa de Residência Pedagógica, entre outras vivências mais pontuais; todas elas somadas às minhas experiências pessoais enquanto aluna, no ensino básico, resultaram e resultam em uma imensa inquietação sobre a compreensão da relação citada no início do parágrafo. Afinal, como se tornar professora sem entender as contradições do espaço de ofício, ou pior, sem entender como incidir nas diversas realidades educacionais onde percorrerei? Compreender essa relação é essencial para promover mudanças educacionais que atendam às necessidades e demandas da sociedade em constante transformação. Fica aqui a tentativa de compreender a complexa relação entre trabalho, educação e formação de classe e como essa relação molda as estruturas sociais, econômicas e culturais da sociedade em que vivemos.

Por mais que esta pesquisa não se debruce sobre o trabalho de Edward Palmer Thompson, acredito que trazer brevemente algumas ideias que o historiador inglês nos elucida a respeito da cultura e formação da classe trabalhadora pode, além de contribuir para a construção deste debate, servir também para não sucumbirmos ao reducionismo e assumir qualquer condição de forma direta e inevitável.

Em “A Formação da Classe Trabalhadora Inglesa”, Thompson examina a formação da do operariado britânico e cultura desse durante os séculos XVIII e XIX. Neste trabalho, Thompson rejeitou a abordagem determinista da história, que via a classe trabalhadora apenas como uma entidade moldada principalmente pelas forças econômicas. Em vez disso, ele argumentou que a classe trabalhadora era uma construção histórica dinâmica, formada por uma complexa interação de fatores econômicos, políticos, culturais e sociais. Os trabalhadores não são apenas vítimas passivas da industrialização e da exploração capitalista, mas também agentes ativos que buscavam proteger seus interesses e lutar por melhores condições de vida e trabalho. Sobre isso é possível citar o papel dos movimentos sociais, sindicatos, greves e outras formas de protesto na formação da identidade e da consciência de classe trabalhadora. Assim como a cultura popular, composta por canções, folclore, festivais e rituais, na criação de uma identidade coletiva e na resistência cultural contra a dominação burguesa (Thompson, 1987). Então,

entende-se que a cultura da classe trabalhadora não era simplesmente uma reflexão da cultura dominante, mas sim uma cultura distinta, com suas próprias tradições, valores, práticas e formas de expressão.

O presente trabalho inicia pensando a interconexão entre trabalho, educação e sociedade, destacando a contribuição de pensadores como Dermeval Saviani e Karl Marx para a compreensão dessas relações. Saviani, ao discutir a relação entre trabalho e educação, ressalta a importância do trabalho na formação dos indivíduos e na estruturação da sociedade, evidenciando como as formas de organização social influenciam tanto o papel quanto a natureza do trabalho e da educação. Utilizando Karl Marx é pensado também a especificidade do trabalho humano, sua capacidade única de transformar a natureza para atender às suas necessidades e objetivos futuros. Além disso, abordamos a dimensão social do trabalho, a divisão do trabalho e as complexas relações sociais que o acompanham, ressaltando que o trabalho não apenas transforma a natureza, mas também é fundamental para o desenvolvimento dos seres humanos como seres sociais. Utilizamos o termo “culturalismo¹”, na compreensão de que se refere a uma variedade de abordagens teóricas que enfatizam a importância da cultura no entendimento da sociedade e das relações sociais. Opondo-se ao determinismo estrutural, o culturalismo argumenta que as práticas culturais têm um papel ativo na formação da sociedade, não apenas refletindo as condições sociais, mas também contribuindo para sua transformação. Assim, por meio da análise das abordagens estruturalista e culturalista, ao longo do primeiro capítulo estudamos a complexidade das dinâmicas educacionais dentro do contexto capitalista, reconhecendo tanto a influência das estruturas econômicas e sociais quanto das questões culturais na experiência educacional dos indivíduos.

O texto foi elaborado a partir de uma pesquisa bibliográfica (Severino, 2007) realizada a partir da leitura e análise de textos teóricos sobre a educação enquanto formação humana, tendo o trabalho como princípio fundante e a emancipação social como perspectiva.

¹ Cabe aqui explicar, mesmo que de forma superficial, que nas discussões marxistas, existe um embate histórico entre as abordagens estruturalistas e ao que chamo aqui de "culturalismo". O termo "culturalista" é frequentemente utilizado de forma pejorativa para acusar uma linha teórica do marxismo de colocar uma ênfase significativa na cultura e na superestrutura, em detrimento das estruturas econômicas e das relações de produção, no entanto, não faz parte do intuito desta pesquisa se aprofundar neste conflito teórico, e pode-se entender essa postura como uma negligência. Mas, negligência ou não há de deixar-se claro que ao usar o termo "culturalismo" nessas páginas não há concordância com qualquer desvio do materialismo, e sim um apontamento de fatores culturais que se fazem importantes em determinados contextos analisados de forma convergente à estrutura. Ou seja, ao utilizar “culturalismo” ou “culturalista” estou me referindo a uma abordagem não-estruturalista, um marxismo não estruturalista. Ao considerar práticas culturais dos indivíduos, busco enriquecer e aprofundar a análise marxista, sem abandonar a teoria, os princípios do materialismo histórico-dialético e a centralidade da luta de classes.

O primeiro capítulo trata da importância do trabalho na formação dos indivíduos e na estruturação da sociedade, ressaltando sua interconexão com a educação. Propõe uma reflexão crítica sobre o papel da educação na reprodução ou transformação das estruturas sociais, destacando a necessidade de uma análise contextualizada das práticas educacionais e das relações de trabalho para promover uma educação mais justa e igualitária, capaz de contribuir efetivamente para o desenvolvimento social. Refletimos sobre como as relações de poder, as estruturas econômicas e as questões culturais se entrelaçam no contexto educacional, destacando a importância de uma análise contextualizada e multifacetada para compreendermos as dinâmicas complexas que permeiam o sistema de ensino e suas implicações na reprodução ou transformação das desigualdades sociais.

O segundo capítulo apresenta a discussão sobre a visão de Gramsci sobre a educação é um campo complexo, permeado por uma série de desafios. Entre eles a dificuldade em sistematizar suas ideias, devido a dispersão de seus escritos. Embora suas ideias sobre educação não estejam reunidas de forma coesa em uma obra específica, Gramsci (2014) oferece contribuições significativas para a compreensão do papel da educação como um processo cultural e político integral. Desde os primeiros escritos de sua juventude, Gramsci demonstra uma preocupação latente com a relação entre educação, sociedade e política. Essa preocupação é enraizada em sua análise crítica da sociedade capitalista e da função da educação dentro dela.

Gramsci percebe a divisão entre teoria e prática na educação como um reflexo das relações de poder estabelecidas pela classe dominante, que monopoliza o campo intelectual enquanto relega os trabalhadores às atividades manuais. Nesse contexto, ele propõe a concepção de uma "escola unitária" que visa superar essa dicotomia e proporcionar uma educação que integre tanto aspectos técnicos quanto intelectuais. Para possibilitar uma melhor análise sobre a proposta do filósofo italiano, ao final do trabalho foi incluído um anexo, que contém tópicos descritivos sobre a Escola Unitária, elaborados pelas autoras Maria Lúcia Melo e Denise Simões Rodrigues, que colaboram para uma maior compreensão do que é discutido nesta pesquisa. Gramsci reconhece o poder da educação como uma ferramenta para a disseminação e contestação de ideologias dominantes. Embora a educação possa reproduzir as estruturas sociais existentes, também tem o potencial de promover a conscientização e a resistência entre as classes subalternas, contribuindo para a transformação social. Dessa forma, a relação entre educação e política na perspectiva gramsciana é dialética, podendo ser conservadora ao reproduzir as condições da civilização vigente, mas também crítica ao desafiar e propor alternativas a esse modelo. Para entendermos toda essa construção em torno dos escritos do filósofo italiano, foi necessário também perpassar pelo conceito marxista de estrutura e

superestrutura, identificando que a educação existe como parte do segundo conceito. É dentro dessa superestrutura que se observam os mecanismos pelos quais a classe dominante mantém e reproduz seu poder sobre as classes subalternas, onde se desenha um contexto de disputa e conflito constante.

A discussão em torno do sistema educacional, suas lacunas e propostas de transformação, emerge como uma questão central. Neste contexto, os escritos de teóricos como Saviani e Gramsci oferecem perspectivas ricas e inovadoras para repensar a educação como um motor de mudança social e cultural. Para superar essa divisão e promover uma educação mais integrada e inclusiva, trabalhamos o conceito de Escola Unitária, que representa uma perspectiva de educação mais inclusiva e progressista, que visa não apenas reproduzir as relações sociais existentes, mas também transformar a sociedade em direção a uma maior igualdade e justiça social.

Penso que este trabalho traga uma perspectiva um tanto quanto pessimista a respeito da educação. Ao mesmo tempo que pode ajudar a entender alguns dos por menores de onde e como a educação falha com as crianças e jovens, podendo proporcionar uma inicial compreensão que ajudará a construir críticas e ações em busca de um futuro decente para todos.

2. TRABALHO E EDUCAÇÃO

A seu tempo, Dermeval Saviani (2007), um renomado educador e filósofo da educação brasileiro, conhecido por suas contribuições teóricas e críticas ao campo da educação, contribui com as discussões sobre cultura e o aprendizado por meio da formação coletiva dos sujeitos sociais. O texto "Trabalho e Educação: Fundamentos Ontológicos e Históricos" de Saviani (2007) discute a relação entre trabalho e educação ao longo da história, explorando as implicações filosóficas e práticas dessa relação. Ele examina como as formas de organização social e econômica influenciam o papel e a natureza do trabalho e da educação, e como esses elementos são interligados na construção da sociedade. Saviani argumenta que o trabalho desempenha um papel central na formação dos indivíduos e na estruturação da sociedade, e que a educação está intrinsecamente ligada ao processo de trabalho. Ele também discute a importância da compreensão dos fundamentos ontológicos (ou seja, a natureza essencial) do trabalho e da educação para o desenvolvimento de práticas educacionais mais eficazes e socialmente responsáveis.

Percursor das discussões de Thompson e Saviani, Karl Marx (2013) discute a natureza do trabalho humano e sua distinção dos outros animais, segundo o autor, o trabalho é uma atividade específica à espécie humana e é através dele que os seres humanos transformam a natureza para atender às suas necessidades (Marx, 2013).

Existem algumas dimensões importantes nessa distinção, como a consciência da finalidade do trabalho, como Marx explica, os seres humanos não apenas realizam atividades para satisfazer necessidades imediatas, mas também têm a capacidade de conceber e trabalhar em direção a objetivos futuros. Eles podem planejar, projetar e direcionar seu trabalho para alcançar metas específicas. Desta forma, existe a transformação da natureza, já que, ao trabalhar, os seres humanos não apenas extraem recursos dela, mas também a modificam de acordo com suas necessidades e desejos. Eles não estão simplesmente sujeitos aos instintos ou ao ambiente, mas têm a capacidade de moldar ativamente o mundo ao seu redor. O pensador enfatiza que o trabalho humano geralmente é realizado em conjunto com outros indivíduos em um contexto social. Isso implica cooperação, divisão do trabalho e relações sociais complexas que são exclusivas da espécie humana. O trabalho não é apenas uma atividade de transformação da natureza, mas também é um processo através do qual os seres humanos se relacionam e se definem em relação ao mundo natural. É um meio pelo qual os seres humanos se desenvolvem como seres sociais. O trabalho é central na definição da essência humana e na distinção entre os seres humanos e os outros animais. É essa capacidade de trabalho que permite aos seres

humanos criarem cultura, tecnologia, sociedade e história, moldando assim o curso do mundo em que vivem.

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [Naturmacht]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio. Não se trata, aqui, das primeiras formas instintivas, animais, [tierartig], do trabalho. Um incomensurável intervalo de tempo separa o estágio em que o trabalhador se apresenta no mercado como vendedor de sua própria força de trabalho daquele em que o trabalho humano ainda não se desvinculou de sua forma instintiva. Pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente. Isso não significa que ele se limite a uma alteração da forma do elemento natural; ele realiza neste último, ao mesmo tempo, seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, o tipo e o modo de sua atividade e ao qual ele tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato isolado. Além do esforço dos órgãos que trabalham, a atividade laboral exige a vontade orientada a um fim, que se manifesta como atenção do trabalhador durante a realização de sua tarefa, e isso tanto mais quanto menos esse trabalho, pelo seu próprio conteúdo e pelo modo de sua execução, atrai o trabalhador, portanto, quanto menos este último usufrui dele como jogo de suas próprias forças físicas e mentais. (Marx, 2013, pp. 255-256)

Para Saviani (2007), a educação é uma prática social que está intrinsecamente ligada às relações de produção existentes em uma determinada sociedade. Ele argumenta que o tipo de educação fornecida em uma sociedade reflete as necessidades e as estruturas de produção daquela sociedade. O autor parte de uma perspectiva marxista e vê o trabalho como uma atividade fundamental que define a natureza humana e molda as relações sociais. Ele argumenta que é através do trabalho que os seres humanos transformam a natureza e produzem os meios de subsistência. Além disso, Saviani destaca que o trabalho não é apenas uma atividade econômica, mas também uma atividade social e cultural que organiza a vida em sociedade. Nesse sentido, Saviani afirma que a educação surge como uma forma de socialização que prepara os indivíduos para desempenhar papéis na produção e reprodução da sociedade. Ele argumenta que as práticas educacionais são moldadas pelas necessidades do sistema de produção dominante e pelas relações de poder existentes na sociedade.

Portanto, para Saviani (2007), a educação é derivada da relação de trabalho do ser humano porque ela está intimamente ligada às formas de organização social e econômica da sociedade em que vivemos. Ele enfatiza que compreender essa relação é fundamental para

entender como a educação funciona e para buscar transformações sociais que promovam uma educação mais justa e igualitária.

A educação surge das relações de trabalho através de um processo de reprodução social. Para Saviani, a educação desempenha um papel crucial na reprodução das relações sociais existentes em uma sociedade, e essas relações são em grande parte determinadas pelo modo de produção predominante. A educação é uma forma de socialização que prepara os indivíduos para participar das relações de produção e reprodução da sociedade em que vivem. A educação prepara os indivíduos para desempenhar papéis específicos na economia. Isso inclui o desenvolvimento de habilidades técnicas e conhecimentos necessários para ocupações específicas, bem como a internalização de normas e valores relacionados ao trabalho e à produtividade. Através da educação, as relações sociais existentes são reproduzidas e legitimadas. Isso inclui hierarquias de classe, relações de gênero, estruturas de poder e assim por diante. A educação transmite valores, crenças e ideologias que sustentam essas relações sociais e contribuem para sua continuidade. Saviani também destaca o papel da educação na formação da consciência de classe. Ele argumenta que o sistema educacional reflete e perpetua as desigualdades sociais, contribuindo para a formação de identidades e posicionamentos políticos dos indivíduos em relação às estruturas de poder existentes. Portanto, a educação não é apenas um processo neutro de transmissão de conhecimento, mas está intrinsecamente ligada às relações de produção e reprodução da sociedade. Ele enfatiza que compreender essa relação é fundamental para a análise crítica da educação e para a busca por práticas educacionais mais justas e igualitárias.

Em “Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos” (Saviani, 2007), é possível compreender que a educação reflete as condições sociais e econômicas de uma determinada época e lugar, sendo influenciada pelas demandas e necessidades da sociedade em um dado momento histórico. O autor identifica várias fases ou momentos na expressão da educação ao longo da história. Para Saviani, compreender o desenvolver da educação ao longo dos anos requer uma análise das mudanças nas relações sociais e econômicas da sociedade em que ela está inserida. Essa compreensão é fundamental para entender as dinâmicas da educação e para promover mudanças educacionais que atendam às necessidades e demandas da sociedade em constante transformação.

O desenvolvimento da produção na sociedade levou à divisão do trabalho e à consequente apropriação privada da terra. Isso resultou na formação de duas classes sociais fundamentais: proprietários e não-proprietários. Ele destaca que o advento da propriedade privada possibilitou aos proprietários viverem sem trabalhar, enquanto os não-proprietários

ficaram obrigados a sustentá-los com seu próprio trabalho. Na Antiguidade, isso se manifestou no modo de produção escravista, com uma classe aristocrática proprietária de terras e escravos trabalhando para ela. Essa divisão social também se refletiu na educação. Enquanto antes ela era reflexo do próprio processo de trabalho, a educação passou a ser dividida em duas modalidades distintas: uma para a classe proprietária, focada em atividades intelectuais e na arte da palavra; e outra para a classe não-proprietária, assimilada ao próprio processo de trabalho. A primeira modalidade deu origem à escola, um lugar de ócio e tempo livre para os que tinham essa condição. É nesse contexto que surge a escola, como forma de educação destinada à classe que possui lazer e tempo livre, contrapondo-se à educação da maioria, que continua vinculada ao processo de trabalho. É a organização do trabalho que permitiu a criação de um espaço escolar separado da produção. Assim, a separação entre educação e trabalho é vista como uma forma de relação, que se manifesta na forma da separação entre escola e produção. Após o surgimento da escola, a relação entre trabalho e educação assume uma dupla identidade. Por um lado, ainda existe uma educação vinculada ao próprio processo de trabalho manual. Por outro lado, há uma educação escolar destinada ao desenvolvimento de habilidades para o trabalho intelectual. Essa dualidade na relação entre trabalho e educação é destacada como um aspecto importante a ser considerado na compreensão das mudanças sociais e educacionais ao longo da história. (Saviani, 2007)

A economia medieval, sob as relações feudais, desenvolveu-se intensamente, gerando excedentes e impulsionando o comércio, o que culminou na transição para uma economia de mercado e na ascensão da sociedade capitalista. Na sociedade capitalista, ao contrário da feudal, é o mercado que determina o consumo, e a produção se organiza em torno da indústria nas cidades. Nesse contexto, a cultura intelectual, incluindo a alfabetização, torna-se uma exigência generalizada, e a escola se torna o principal instrumento para acesso a essa cultura. Com a consolidação da nova ordem social trazida pela Revolução Industrial, o processo de simplificação dos ofícios e a introdução da maquinaria levaram a uma redução da necessidade de qualificação específica, pois a maior parte das funções manuais passou a ser executada pela máquina. A Revolução Industrial provocou uma reorganização das relações sociais, com a predominância da indústria na produção e da cidade na estrutura social. A máquina possibilitou a integração das funções intelectuais no processo produtivo, enquanto a escola se tornou o meio para generalizar as funções intelectuais na sociedade. A introdução da maquinaria eliminou a necessidade de qualificação específica, mas exigiu um patamar mínimo de qualificação geral. Embora a burguesia tenha tentado ligar a educação ao mundo da produção, suas formas mais

avançadas mantiveram a divisão entre profissões manuais e intelectuais, preparando diferentes grupos sociais para papéis específicos na sociedade. (Saviani, 2007)

Enquanto na sociedade feudal o consumo determinava a troca, na sociedade capitalista é a troca² que determina o consumo. O domínio de habilidades como leitura, escrita e cálculo tornou-se cada vez mais importante para trabalhadores, empresários e gestores, pois essas habilidades eram necessárias para lidar com atividades relacionadas ao mercado. O acesso à educação formal, então, promovia o desenvolvimento intelectual e habilidades essenciais para lidar com as complexidades da economia capitalista em rápida evolução. A educação formal passou a ser vista como um instrumento fundamental para capacitar os indivíduos a participarem plenamente da sociedade capitalista, tanto no âmbito econômico quanto social. Isso acabou por influenciar não apenas a estrutura educacional, mas também a própria estrutura social, criando uma demanda crescente por sistemas educacionais acessíveis e eficazes, e contribuindo para a ascensão da escola como a forma principal de educação na sociedade capitalista. (Saviani, 2007)

Sabemos que a universalização da escola primária promoveu a socialização dos indivíduos nas formas de convivência próprias da sociedade moderna e os capacitou a integrar o processo produtivo. A introdução da maquinaria eliminou a necessidade de qualificação específica, mas exigiu um patamar mínimo de qualificação geral, equacionado no currículo da escola elementar. Mas é importante lembrar do que foi pontuado nos parágrafos anteriores, havia uma separação entre escolas profissionais, destinadas aos trabalhadores, e "escolas de ciências e humanidades", destinadas aos futuros dirigentes. Isso reflete uma dualidade na educação, onde as elites eram preparadas para funções renomadas na sociedade, enquanto os trabalhadores recebiam uma formação prática limitada. Desta forma, é possível entender avanços da mesma forma que desigualdades.

O trabalho não é apenas uma atividade econômica, mas também um processo que molda a natureza humana e organiza a vida em sociedade. Marx (2008) argumenta que as relações de produção determinam a superestrutura ideológica e cultural, incluindo a educação, que por sua vez contribui para a reprodução das relações sociais existentes. A análise de Saviani (2007) complementa essa visão, demonstrando como a educação surge das relações de trabalho e desempenha um papel crucial na reprodução das hierarquias sociais e na formação da consciência de classe. Em suma, estamos a construir aqui uma base sólida para compreender

² Os bens e serviços são produzidos não apenas para atender as necessidades do produtor ou da comunidade, mas com o objetivo de serem trocados por outros bens e serviços no mercado.

as complexidades da sociedade capitalista e os mecanismos pelos quais ela perpetua as desigualdades sociais.

Karl Marx (2008) desenvolveu a metáfora da estrutura e superestrutura como parte de sua análise do funcionamento da sociedade capitalista. Esses elementos são fundamentais em sua teoria materialista histórica, que busca entender como as relações de produção moldam a vida social e política.

[...] na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade; essas relações de produção correspondem à um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência (Marx, 2008, p. 45).

A estrutura, em determinada teoria marxista, refere-se às relações de produção dentro de uma sociedade. Isso inclui as relações entre os proprietários dos meios de produção (burguesia) e os trabalhadores assalariados (proletariado). A estrutura econômica de uma sociedade é composta pelos modos de produção, como o feudalismo, o capitalismo ou o socialismo, e pelas relações de propriedade e produção que caracterizam esses modos. Marx argumenta que a estrutura econômica é a base sobre a qual se erguem todas as outras instituições sociais, como o Estado, a religião, a família, a educação e assim por diante. Essas instituições são moldadas pelas relações de produção dominantes e existem para servir aos interesses da classe dominante. Já a superestrutura, por sua vez, diz respeito às instituições ideológicas, culturais, políticas e jurídicas que surgem da base econômica da sociedade. Isso inclui o Estado, a religião, a cultura, a educação, entre outros. Essas instituições superestruturais desempenham um papel crucial na reprodução e legitimação das relações de poder existentes na sociedade. Elas refletem e promovem os interesses da classe dominante, mantendo assim a estrutura de classe. A superestrutura também inclui a chamada "consciência social", ou seja, as ideias, valores e normas que permeiam a sociedade e moldam a forma como as pessoas percebem a si mesmas e ao mundo ao seu redor. Desta forma, a estrutura econômica de uma sociedade determina a superestrutura ideológica e cultural. Cabe destacar que as diferenciações feitas entre estrutura e superestrutura no presente trabalho serão para fins analíticos ou pedagógicos, porque compreendemos que na realidade material a relação entre elas é, na verdade, dialética. Não sendo possível uma separação categórica entre elas.

Antes de continuar com o raciocínio marxista, para entender como a educação desempenha uma função de disputa ideológica na nossa sociedade, vale trazer brevemente para o presente trabalho a produção de Paul Willis (2011), "Aprendendo a ser trabalhador", onde o cientista social inglês, realiza um trabalho antropológico em que é possível compreender com

clareza a relação estudada por Gramsci e citada no parágrafo anterior. O trabalho de Willis é conhecido por sua abordagem etnográfica e sua análise das relações entre educação, classe social e identidade. No livro, o autor descreve sua imersão na vida cotidiana de um grupo de jovens trabalhadores de uma escola técnica na região de West Midlands, na Inglaterra. Ele acompanha esses jovens em suas atividades diárias, dentro e fora da escola, e analisa como eles lidam com as expectativas sociais, econômicas e culturais que enfrentam. Um aspecto fundamental do trabalho antropológico de Willis é sua investigação sobre como os jovens trabalhadores constroem e negociam suas identidades em relação à sua classe social e ao mundo do trabalho. Ele examina como esses jovens desenvolvem uma "cultura de resistência" em resposta às estruturas de poder e dominação presentes na sociedade. Willis também destaca a importância da escola como um espaço onde esses processos de socialização e formação de identidade ocorrem. Ele mostra como a escola pode ser tanto um local de reprodução das desigualdades sociais quanto um espaço de resistência e subversão, onde os jovens trabalhadores contestam as normas e valores dominantes. Em resumo, o trabalho antropológico de Paul Willis - oferece uma análise profunda das experiências e perspectivas dos jovens trabalhadores britânicos, destacando as complexas interações entre educação, classe social e identidade em uma sociedade capitalista. Vemos como a escola não apenas transmite conhecimento, mas também é um espaço onde as identidades sociais e culturais são moldadas e contestadas pelos jovens em resposta às estruturas de poder e dominação.

No texto “Teorias da reprodução: marxismo, estruturalismo, desencanto e possibilidades de resistência” as autoras Ana Carolina Christóvão e Maria Comes Muanis (2022) contextualizam o cenário do sistema de educação nas décadas de 60 e 70, frente às reformas e aos esforços para democratizar o ensino. Isso se deve pela necessidade de um maior número de mão de obra minimamente especializada, então, uma formação técnica foi fomentada para que as classes mais excluídas tivessem mais acesso ao ensino. Entretanto, é dito também que esses esforços não foram eficientes, uma vez que ainda estava nítida as diferenças entre as classes sociais, tanto dentro das instituições, quanto entre uma instituição mais voltada para o setor mais privilegiados economicamente da população e as demais escolas.

Esses grandes levantamentos de dados empíricos demonstravam que os recentes fenômenos de massificação do ensino – articulados igualmente ao período de reconstrução nacional, pós-guerra – não garantiram a efetiva democratização dos sistemas e colocavam em xeque as promessas de igualdade de oportunidades ao demonstrarem a manutenção das desigualdades educacionais. (Christóvão; Muanis, 2022, pp. 37-38)

A partir daí, as autoras trabalharam com duas formas de interpretação acerca dos motivos pelos quais essa “democratização dos sistemas de ensino” (Christóvão; Muanis, 2022,

p. 37) não foi eficiente. Por um lado, elas analisaram autores materialistas³, que colocam a escola como uma ferramenta que faz a manutenção das classes sociais e colabora para manter o filho de operários nesta mesma condição. Enquanto, por outro lado, autores que trazem enfoque para o fenômeno da reprodução cultural, que elencam, como o próprio nome sugere, questões culturais como cerne do debate, argumentando de que existe um abismo entre a realidade de um jovem que frequenta a escola e o conteúdo que o mesmo deveria aprender ali. Isso geraria uma dificuldade para que os filhos da classe operária se reconhecessem naquele ambiente, provocando um distanciamento entre eles e a instituição de ensino (Christóvão; Muanis, 2022). Apesar das diferenças existentes entre as duas abordagens utilizadas, ambas estão inseridas dentro da ideologia marxista, utilizando-se do método materialista como ferramenta central de seus trabalhos.

Para entendermos o materialismo, precisamos retornar de onde o próprio Karl Marx parte, isto é, de Hegel e de sua teoria idealista.

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou pelo que se queira. Mas eles mesmos começam a se distinguir dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida, passo que é condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material.

O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende antes de tudo, da própria constituição dos meios de vida já encontrados e que eles têm de reproduzir. [...] O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção. (Engels; Marx, 2007, p. 87)

Marx se distancia do mesmo quando estabelece a ordem inversa, ao afirmar que “[...] não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (Marx, 2008, p. 45). Para ele, as ideias surgem a partir da necessidade material de alterar a natureza para suprir necessidades básicas de comer, morar, beber, vestir, entre outras. (Christóvão; Muanis, 2022).

As autoras, Christóvão e Muanis, enfatizam ainda que ao analisar qualquer relação é importante se certificar de que os dois elementos, a ação do sujeito e a determinação da estrutura estão sendo levados em consideração, caso contrário, estaríamos cometendo o erro do determinismo que seria assumir uma linha óbvia e imutável da sociedade em um grau a ignorar as particularidades dos sujeitos (lugares, tempo...). Em contrapartida, para Althusser, as escolas são “aparelhos ideológicos de Estado” (Christóvão; Muanis, 2022) e são colocadas como opositoras à revolução, de forma que elas jamais funcionariam de outra maneira. Pela necessidade da reprodução das condições de força de trabalho para manutenção, justamente,

³ Louis Althusser, Christian Baudelot, Roger Establet, Samuel Bowles, Herbert Gintis, Pierre Bordieu, Basil Bernstein e Paul Willis.

das forças produtivas a escola serve qualificando para assegurar essa manutenção, ensinando a classe operária a submissão através de uma espécie de adestramento, ensinando a existir de forma a seguir regras e exercer comportamentos contidos dentro da lógica das classes dominantes. Para o filósofo, o papel da escola, enquanto aparelho ideológico do Estado, cumpre papel essencial na manutenção do *status quo*, a ponto de ser a principal ferramenta para este fim, já que acompanha os indivíduos desde os primeiros anos de vida, conseguindo exercer a implementação da ideologia burguesa de forma rigorosa e dirigida.

À princípio, a interpretação de Louis Althusser sobre o tema pode parecer assertiva, no entanto, existe um fator que é excluído dessa linha de pensamento que, segundo a abordagem culturalista, possui peso e importância crucial ao analisar a sociedade capitalista (Christóvão; Muanis, 2022).

Para Gramsci (2014), partir do princípio de que a escola vai sempre ser entendida como inimiga da revolução, isto é, a escola é um aparelho ideológico do Estado independente de como a sociedade em seus determinados recortes atua sobre a mesma, sem entender possíveis particularidades relacionadas a tempo, espaço e aos sujeitos que permeiam estas realidades, é a aplicação de uma teoria rígida que exclui justamente qualquer possibilidade de ação dos sujeitos, atividade humana, assumindo uma estrutura constante, inteiramente previsível e pré-determinada. As teses elaboradas a partir do pensamento Althusseriano colaboram grandemente para entendermos como a educação serve ao capital, mas para construirmos uma mais precisa compreensão acerca do assunto, deve-se levar em consideração a ação dos indivíduos, até para que estas análises não tenham fim na falta de perspectiva de ruptura com a estrutura (Gramsci, 2014).

Mais uma vez utilizaremos “Aprendendo a ser trabalhador”, de Paul Willis, para nos ajudar a visualizar como a cultura trabalhadora é forjada e importante ao longo dessa análise. Desta forma, é preciso lembrar que existe uma permanência dos lugares sociais ocupados pelos pais e pelos filhos dos indivíduos estudados por Willis, mas não unicamente determinada pela estrutura. Até porque, assumindo a perspectiva macrosociológica, estaríamos ignorando as mudanças que ocorrem tanto no proletariado, quanto na burguesia, considerando “uma substituição automática dos corpos físicos dos pais pelos corpos físicos dos filhos” (Willis, 1981, p. 49). Para estudar o grupo de 12 jovens de classe operária, sob uma perspectiva culturalista, o autor opta por construir um trabalho etnográfico, já que a cultura pode ser entendida como fruto das relações sociais e digerida e lapidada de maneiras específicas em diferentes grupos, articulada à estrutura. Desta forma é necessária uma imersão no cotidiano e realidade do recorte pretendido para conseguir entender como os traços culturais são cultivados

ali. Na pesquisa de Willis, é entendido que a maneira que os rapazes tomam suas decisões é muito influenciada por aquilo que o autor chamou de “cultura contraescolar” (Willis, 1981, p. 12), que é um conjunto de características que constroem um comportamento vigente entre àqueles jovens. Uma dessas características é a oposição ao que eles entendem como autoridade, os professores e os alunos que destoam da cultura contraescolar, chamados de “conformistas”. O intuito do autor em entender essas relações era conseguir enxergar o porquê desses jovens seguirem o mesmo papel de seus pais, trabalhadores fabris, mesmo expressando diferentes comportamentos ao longo de sua vida. Então, como diferentes fatores humanos pertencentes à mesma classe poderiam acabar da mesma forma, executando trabalhos manuais. Onde a cultura contraescolar e o comportamento daqueles jovens se encaixa na cultura operária?! A resposta dessa lacuna traz a compreensão de que filhos de operários se tornarem também operários não é mera transmissão automática de estruturas e não deve ser simplificado desta forma, mas entendido como um conjunto de vivências (Willis, 1981).

As relações de produção moldam a educação e perpetuam as desigualdades sociais, a forma de educação reflete as estruturas de produção existentes e contribui para a reprodução das relações sociais. A educação prepara os indivíduos para desempenhar papéis específicos na economia e as práticas educacionais são moldadas pelas relações de poder advindas justamente dessa economia. A partir de então as abordagens estruturalista e culturalista dentro do marxismo, como diferentes visões, debatem as relações entre escola e classe social. Uma abordagem estruturalista considera a escola como uma ferramenta de manutenção das classes sociais, contribuindo para a reprodução das condições sociais vigentes. Ela ensina os valores, normas e ideologias que sustentam as hierarquias sociais, preparando os indivíduos para aceitar e perpetuar as desigualdades existentes. Esta perspectiva concebe a escola como uma instituição que treina os trabalhadores para a submissão, tornando-os aptos a desempenhar papéis específicos na sociedade capitalista. Por outro lado, uma abordagem culturalista enfoca questões culturais como centrais para entender as desigualdades educacionais, que podem resultar tanto em manutenção das hierarquias sociais, como também um rompimento em algum nível com elas. Essa visão destaca como as diferenças culturais entre as classes sociais influenciam a experiência educacional dos indivíduos. A cultura dominante, que é associada às classes privilegiadas, é valorizada e transmitida na escola, enquanto as culturas das classes trabalhadoras são muitas vezes marginalizadas. Isso cria um abismo entre a experiência educacional dos alunos de diferentes origens sociais, dificultando a identificação e o engajamento dos alunos das classes trabalhadoras com a instituição de ensino. Dessa forma, a

visão culturalista enfatiza como as diferenças culturais contribuem para a reprodução das desigualdades educacionais.

No estruturalismo a escola é concebida como um mecanismo do Estado que serve para perpetuar a ideologia dominante e manter o status quo. Por outro lado, Gramsci (2014) enfatiza a importância de considerar as particularidades sociais e a ação dos sujeitos na análise da educação. Ele argumenta que uma abordagem rígida, pode excluir a possibilidade de resistência e transformação social.

3. GRAMSCI E A ESCOLA UNITÁRIA

Há uma certa dificuldade em acompanhar as colocações de Gramsci sobre a educação. Os escritos gramscianos são dispersos, muito devido às condições enfrentadas pelo pensador no cárcere fascista. Contudo, mesmo nos escritos pré-carcerários de sua juventude, o próprio filósofo considerava que se tratava de textos que deveriam ser lidos apenas no momento em que eram publicados, ou melhor dizendo, “[...] deviam morrer no fim do dia [...]”, como ele mesmo escreveu em carta endereçada à sua cunhada, Tatiana Schutz (ou Tania Schucht), no dia 07 de setembro de 1931 (Gramsci, 2005, p. 83).

As principais ideias de Gramsci sobre educação, concebida sob a perspectiva de um processo cultural e político integral, não se encontram reunidas e destacadas sob um título específico e particular em determinada obra, nem mesmo circunscritas em uma teoria completa e desenvolvida para este fim, mas se fazem constar relativamente dispersas em sua vasta produção intelectual [...] (Melo; Rodrigues, 2016, p. 2).

Apesar das pontuações feitas acima, Gramsci deixa diversas contribuições sobre a temática, já demonstrando essa preocupação desde seus escritos “da juventude”. Podemos considerar que os problemas sofridos pelo filósofo para seguir com seus estudos possa ter contribuído para isso. Podendo ser pela falta de investimentos que a Sardenha recebia em relação à Itália continental, ou as dificuldades financeiras enfrentadas por ele em Turim (Fiori, 1979).

Da divisão entre teoria e prática, resultado de um processo histórico em que a classe dominante monopolizou o campo intelectual, enquanto os trabalhadores ficaram com as atividades manuais, como uma resposta à sua análise crítica da sociedade capitalista e do papel da educação dentro dela, Gramsci sente a necessidade de formular a escola unitária⁴. O Estado firma a manutenção dessa estrutura de reprodução, especialmente ao dividir as pessoas entre trabalho manual e trabalho intelectual, o que é perpetuado pela escola através da separação entre ensino técnico-manual e ensino intelectual. O filósofo percebe que a educação desempenha um papel crucial na reprodução das relações sociais existentes, mas também pode ser uma ferramenta para a transformação social.

A divisão fundamental da escola em clássica e profissional era um esquema racional: a escola profissional destinava-se às classes instrumentais, enquanto a clássica destinava-se às classes dominantes e aos intelectuais. O desenvolvimento da base industrial, tanto na cidade como no campo, gerava a crescente necessidade do novo tipo de intelectual urbano: desenvolveu-se, ao lado da escola clássica, a escola técnica (profissional, mas não manual), o que pôs em discussão o próprio princípio da orientação concreta de cultura geral, da orientação humanista da cultura geral fundada na tradição greco-romana. Esta orientação, uma vez posta em discussão, foi afastada, pode-se dizer, já que sua capacidade formativa era em grande parte baseada no

⁴ Conceito que trabalharemos ao longo deste capítulo.

prestígio geral e tradicionalmente indiscutido de uma determinada forma de civilização.

A tendência atual é a de abolir qualquer tipo de escola “desinteressada” (não imediatamente interessada) e “formativa”, ou de conservar apenas um seu reduzido exemplar, destinado a uma pequena elite de senhores e de mulheres que não devem pensar em preparar-se para um futuro profissional, bem como a de difundir cada vez mais as escolas profissionais especializadas, nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predeterminados (Gramsci, 2014, p. 34).

Segundo Gramsci, a divisão de categorias de escolas entre escola tradicional e técnica, está diretamente ligado às relações sociais de produção, onde a primeira é destinada aos filhos das classes dominantes, existindo em número reduzido, enquanto a segunda, profissionalizante, seria disposta para aqueles que seguiriam vendendo sua força de trabalho. Gramsci, então, defende a “escola unitária”, que seria o espaço onde teria, sim, o caráter profissionalizante, mas contendo também parte do currículo dedicada ao desenvolvimento intelectual dos alunos. Se colocando contrário ao modelo escolar vigente na época, que, por sua vez, apenas faria manutenção da divisão das classes sociais. Assim, a educação se torna um espaço de disputa política, e através dele, e das mudanças propostas por Gramsci, existiria a possibilidade de se criar- intelectuais⁵, pertencentes às classes que não tiveram a oportunidade e escolas para isso, trazendo consigo a possibilidade de modificar a sociedade (GRAMSCI, 2014).

Gramsci via a educação como um instrumento poderoso para disseminar as ideias, valores e normas que sustentam o sistema socioeconômico dominante. Por meio do sistema educacional, as elites podem transmitir ideologias que perpetuam a hierarquia de classes, legitimando a posição privilegiada da classe dominante e naturalizando a desigualdade social. Da mesma forma que reconhecia o potencial transformador da educação. Ele via a escola como um espaço onde as ideias e valores dominantes poderiam ser contestados e onde a consciência crítica e a capacidade de resistência poderiam ser cultivadas entre as classes subalternas. Assim, a educação não é apenas um mecanismo de reprodução social, mas também pode ser uma ferramenta de emancipação e luta por mudanças sociais.

Assim concebida a relação entre educação e política, de maneira imbricada, interdependente, interativa, intercomunicativa, isto é, dialética, a educação pode ser conservadora ou crítica. Quando consolida condições para a reprodução do tipo de civilização vigente, torna-se conservadora, e quando se contrapõe ao modelo de civilidade presente e lhe propõe alternativas, torna-se crítica. A concepção de escola em Gramsci é crítica, pois visa a construir as condições para que os educandos possam empreender a luta para superar a civilidade capitalista e edificar novas relações sociais, uma nova civilização, a socialista (Martins, 2021, pp. 10-11).

⁵ "Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político" (Gramsci, 2014, p. 15).

É interessante que, antes de prosseguirmos a discussão, estudemos um pouco mais sobre este organismo de conduzir ideologias para que possamos entender, enfim, o conceito de superestrutura que detém grande importância para a compreensão desta conversa. E apesar deste capítulo ser centrado em Gramsci, ele utiliza os conceitos marxistas para dar o pontapé ao raciocínio.

[...] na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção, que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e a qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral (Marx, 2008, p.45).

A estrutura de uma sociedade se refere à base econômica que sustenta e organiza as relações sociais. Essa base econômica consiste nas relações de produção, como produção de bens e serviços. Ela é determinada pelas condições materiais de produção e pelas relações de classe que surgem dessas condições. Na nossa sociedade, a estrutura é caracterizada pela propriedade privada dos meios de produção e pela exploração da classe trabalhadora. Já a superestrutura é uma parte da organização social de uma sociedade que engloba todas as instituições, práticas e ideologias que refletem e sustentam as relações sociais e econômicas predominantes. Em contraste com a estrutura, que compreende as relações de produção econômica, a superestrutura inclui elementos como o Estado, a cultura, a religião, a filosofia, o direito, a arte e, crucialmente, a educação.

A despeito de menos clara e mais complexa nos Cadernos, a noção de sociedade civil implica no conjunto dos organismos chamados de “privados” ou “aparelhos privados de hegemonia”, no sentido da adesão voluntária de seus membros. Dentre esses aparelhos Gramsci destaca igrejas, associações privadas, sindicatos, escolas, partidos e imprensa. É em torno a eles que se organizam as vontades coletivas, seja dos grupos dominantes, seja dos dominados. (Mendonça, 2014, p. 35).

Dentro da superestrutura, identifica-se mecanismos pelos quais a classe dominante mantém seu poder sobre as classes subalternas. Isso inclui a disseminação de ideologias que justificam e legitimam a ordem social existente, bem como a criação de instituições e práticas que perpetuam as relações de poder estabelecidas. Ao mesmo tempo, Gramsci reconhece que a superestrutura não é apenas um instrumento de dominação, mas também pode ser um terreno de luta e resistência. Ele argumenta que as classes subalternas têm a capacidade de desafiar e contestar as ideologias dominantes, transformando as instituições e práticas sociais para promover seus próprios interesses.

Nesse sentido, a transformação social e do Estado nas sociedades capitalistas ocidentais só pode ser obtida, para Gramsci, a partir da multiplicação dos aparelhos de hegemonia da sociedade civil – ou seja, das visões de mundo/projetos (ou vontades coletivas organizadas) – que disputam entre si, todo o tempo, a manutenção de um

projeto hegemônico ou a imposição de um contra- hegemônico, em busca da hegemonia. (Mendonça, 2014, p. 38)

Willis (1991), em seu estudo etnográfico, observa como as escolas operam como instituições que preparam os jovens da classe trabalhadora para papéis e posições subordinadas na sociedade. Isso é semelhante à análise de Gramsci sobre a maneira como a educação serve para legitimar e perpetuar a hierarquia de classes. Assim como Gramsci (2016) reconhece a possibilidade de resistência e transformação dentro da superestrutura, Willis (1991) também destaca o papel da cultura e da agência dos jovens na formação de identidades e práticas culturais que desafiam as normas sociais dominantes. Ele demonstra como os "rebeldes" em sua pesquisa desafiam ativamente as expectativas escolares e as normas da classe trabalhadora, buscando formas alternativas de identidade e status; como os jovens da classe trabalhadora podem usar estratégias de resistência cultural dentro da escola para desafiar as expectativas e padrões impostos sobre eles.

E essa cultura de classe não é um padrão neutro, uma categoria mental, um conjunto de variáveis imposto sobre a escola, a partir de fora. Ela compreende experiências, relações e conjuntos de tipos sistemáticos de relações que determinam não apenas "escolhas" específicas e "decisões" em períodos específicos, mas também estruturam, real e experientialmente, a forma como essas "escolhas" surgem e são definidas, antes de mais nada (Willis, 1991, p. 12).

Willis (1991) evidencia como o sistema educacional, juntamente com outras influências culturais, contribui para a formação da percepção dos jovens da classe trabalhadora sobre o trabalho e suas próprias identidades, reforçando ideologias dominantes e reproduzindo as hierarquias sociais existentes. Essa ideologia é transmitida sem a intenção explícita de moldar a percepção dos jovens, mas são absorvidas já que é disseminada através de várias fontes. Essas percepções contribuem para a aceitação passiva das normas sociais e hierarquias existentes.

O ensino e a orientação vocacional são as forças ideológicas mais explícitas a incidir sobre os "rapazes" durante sua preparação para o trabalho. Vimos antes que os aspectos indicados da orientação vocacional e do trabalho são fortemente bloqueados e re-interpretados. Algumas das que podemos chamar de mensagens conotadas, entretanto, conseguem passar, especialmente no sentido de reforçar o naturalismo das divisões sociais, do sexismo e da inevitabilidade de certos tipos de trabalho, processos esses que já vão se formando na cultura. Com frequência, não há a intensão de transmitir essas informações. Elas dizem respeito a coisas tais como o ambiente geral da vida de trabalho; uma fascinação com processos e máquinas; a divisão entre aqueles que trabalham com suas mãos e aqueles que trabalham com seus cérebros; a aparente eternidade e inevitabilidade da organização industrial; a natureza competitiva e atomizada do mundo do trabalho à nossa porta; a dureza e a inevitabilidade do trabalho industrial. Elas não são concebidas para fazer parte – e não são recebidas como parte – do modelo geral que é apresentado para uma escola racional de emprego. Elas advêm da pura exposição a uma vasta quantidade de filmes nos quais as pessoas de classe operária são vistas trabalhando; da aparentemente desconcertante variedade de trabalhos disponíveis; de filmes a respeito de máquinas em movimento, filmados com o instinto para o compulsivo próprio de uma câmera; do pressuposto absoluto de que a autoridade reside em funcionários engravatados dirigindo trabalhadores de macacão (Willis, 1991, p. 198).

A educação é uma das instituições fundamentais da superestrutura. Ela desempenha um papel crucial na formação ideológica e cultural dos indivíduos, contribuindo para a reprodução das relações sociais de produção dominantes. Gramsci (2016) argumenta que a educação transmite ideologias, valores e normas que refletem os interesses da classe dominante. Isso ocorre através do currículo escolar, dos materiais didáticos, da seleção de conteúdos e da própria estrutura das instituições educacionais. A educação, assim, desempenha um papel na legitimação e perpetuação das relações de poder existentes na sociedade. O filósofo também enfatiza o papel da educação na formação da consciência coletiva, ou seja, nas formas como as pessoas percebem a si mesmas, aos outros e ao mundo ao seu redor. Através da educação, as pessoas internalizam valores, crenças e ideologias que moldam sua visão de mundo e influenciam suas ações e comportamentos. Portanto, para Gramsci (2016), a educação é uma parte integrante da superestrutura, atuando como um instrumento de reprodução ideológica e cultural das relações de poder existentes na sociedade. Compreender esse papel da educação é fundamental para uma análise crítica das estruturas sociais e para a luta por transformações sociais e políticas.

Ao difundir as ideias, princípios e padrões que representam os objetivos da classe que detém o controle, a educação auxilia na perpetuação das dinâmicas sociais de produção predominantes. Esse processo não se limita ao conteúdo programático e aos recursos educacionais, mas também abrange a organização das instituições de ensino, reforçando e prolongando as hierarquias de poder vigentes na comunidade. No entanto, Gramsci (2016) propõe um modelo alternativo de educação ao formular a ideia da escola unitária. Ele busca criar uma escola que vá além da mera transmissão de conhecimentos técnicos, buscando promover uma formação integral dos indivíduos, capacitando-os não apenas intelectualmente, mas também social e politicamente. Essa escola democrática e inclusiva visa preparar os alunos não apenas para o mercado de trabalho, mas também para se tornarem cidadãos críticos e ativos na sociedade, combatendo as desigualdades sociais e promovendo a solidariedade e a cooperação entre os diferentes grupos sociais. Portanto, ao enfatizar a importância da educação como uma ferramenta para a transformação social e política, Gramsci (2016) destaca a necessidade de uma análise crítica das estruturas educacionais existentes e da luta por uma educação verdadeiramente democrática e emancipatória.

Segundo Saviani (2007), uma das problemáticas existentes no sistema de ensino brasileiro, por exemplo, é a ruptura entre ensino básico e o ensino superior, onde ao concluir o ensino médio, o cidadão pode finalizar seu percurso escolar, se dedicando até o fim de sua vida ao trabalho manual ou seguir estudando em uma universidade - salvo todas as diferentes

possibilidades, dificuldades ou facilidades que podem existir na vida de diferentes indivíduos e suas diferentes classes sociais – no entanto, essa dicotomia resulta em uma separação entre o processo produtivo e a realidade vivenciada pelos trabalhadores em relação ao conhecimento produzido nas instituições acadêmicas. Isso significa que a pesquisa científica muitas vezes reflete e representa apenas a perspectiva daqueles que têm acesso ao ensino superior, deixando de lado a realidade dos demais indivíduos com diferentes condições socioeconômicas.

Ora, em lugar de abandonar o desenvolvimento cultural dos trabalhadores a um processo difuso, trata-se de organizá-lo. É necessário, pois, que eles disponham de organizações culturais por meio das quais possam participar, em igualdade de condições com os estudantes universitários, da discussão, em nível superior, dos problemas que afetam toda a sociedade e, portanto, dizem respeito aos interesses de cada cidadão. Com isso, além de propiciar o clima estimulante imprescindível à continuidade do desenvolvimento cultural e da atividade intelectual dos trabalhadores, tal mecanismo funciona como um espaço de articulação entre os trabalhadores e os estudantes universitários, criando a atmosfera indispensável para vincular de forma indissociável o trabalho intelectual e o trabalho material (Saviani, 2007, p. 161).

Gramsci (2016) propõe uma visão abrangente de educação que vai além das limitações da escola convencional. A Escola Unitária engloba não apenas os ambientes formais de aprendizado, mas também os espaços informais presentes na sociedade. Traz a ideia de organizar o sistema educacional de forma a promover uma compreensão mais abrangente da cultura e do mundo, incentivando uma educação que leve em consideração as experiências concretas dos estudantes. O princípio da educação unitária deve permear todas as esferas da cultura, resultando em uma nova compreensão social e cultural do mundo, baseada em uma cultura mais elevada que inclui uma educação abrangente, crítica e criativa. Pode-se entender que, de acordo com Gramsci, a educação desempenha um papel fundamental na formação não apenas acadêmica, mas também ética, política e prática dos indivíduos. Ela é vista como uma dimensão cultural da sociedade, que deve fornecer uma visão de mundo e uma ética que capacitem os sujeitos sociais a serem líderes e, ao mesmo tempo, a se oporem a ideologias autoritárias e conservadoras.

A escola unitária ou de formação humanista (entendido este termo, “humanismo”, em sentido amplo e não apenas em sentido tradicional), ou de cultura geral, deveria assumir a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los elevado a um certo grau de maturidade e capacidade para a criação intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e na iniciativa (Gramsci, 2014, pp. 36-37).

Gramsci enfatiza a importância da educação como uma abordagem que integra teoria e prática para transformar a sociedade de forma verdadeiramente democrática. Além disso, a educação deve oferecer um programa educacional contínuo tanto para a classe trabalhadora quanto para os professores, permitindo-lhes desenvolver habilidades científicas e tecnológicas avançadas relevantes para seu trabalho profissional. Isso sugere uma visão ampla da educação como um meio não apenas de transmitir conhecimento, mas também de capacitar as pessoas a

participarem plenamente na sociedade e na economia de maneira eficaz. Para compreender de uma maneira ordenada, podemos recorrer ao trabalho "Gramsci e educação" de Maria Lúcia Melo e Denise Simões Rodrigues, onde as autoras elencam em tópicos as características da escola unitária de forma concisa (conforme anexo I).

A escola unitária deve assumir a tarefa de integrar os jovens na sociedade após prepará-los intelectual e moralmente, além de proporcionar autonomia. Isso perpassa a necessidade de financiamento estatal para transformar a educação em uma função pública, garantindo igualdade de acesso. A importância do currículo escolar adequado às diferentes idades e estágios de desenvolvimento dos alunos, bem como aos objetivos da escola. A ampliação da infraestrutura escolar e do corpo docente, com uma relação professor-aluno mais próxima. A reorganização do ensino primário e secundário, com foco não apenas nas disciplinas instrumentais, mas também nos direitos e deveres cívicos. Alguns alunos, principalmente de famílias intelectuais, já têm vantagens educacionais prévias, o que requer a criação de condições igualitárias na escola. A necessidade de uma educação integral, diurna e noturna, livre de disciplina mecânica. A escola unitária deve focar na fase final como crucial para desenvolver valores humanistas, autodisciplina e autonomia moral, essenciais para especializações futuras, seja na academia ou no mercado de trabalho. Propõe-se que o ensino nesta fase seja voltado para métodos criativos na ciência e na vida, não deixando exclusivamente para a universidade.

Para Gramsci (2014) as academias muitas vezes representam "cemitérios da cultura", sem contribuir efetivamente para o avanço do conhecimento e a melhoria da sociedade.

O advento da escola unitária significa o início de novas relações entre trabalho intelectual e trabalho industrial não apenas na escola, mas em toda a vida social. O princípio unitário, por isso, irá se refletir em todos os organismos de cultura, transformando-os e emprestando-lhes um novo conteúdo. Problemas da nova função que poderão assumir as universidades e as academias. Estas duas instituições são, atualmente, independentes uma da outra; as academias são o símbolo, ridicularizado frequentemente com razão, da separação existente entre a alta cultura e a vida, entre os intelectuais e o povo [...] (Gramsci, 2014, pp. 40-41)

As propostas contidas na ideia da escola unitária impactam as relações de trabalho industrial e intelectual, trazendo consequências não apenas para a educação básica como também para o ensino superior, desta forma, as universidades também assumiriam novos papéis educacionais, atuando como organizações culturais que integram os elementos sociais no trabalho profissional e facilitam a transição para atividades culturais e científicas. Aconteceria uma reorganização das academias, unificando diferentes tipos de organizações culturais. Exerceriam o controle das atividades industriais, científicas e laboratoriais, visando selecionar e desenvolver as capacidades individuais da população. Faz parte também da proposta da escola unitária que cada comunidade local possua seções especializadas para discutir problemas

industriais, agrícolas e organizacionais, promovendo congressos periódicos para identificar os talentos locais. Vale dizer que essa é uma tarefa extremamente minuciosa, que necessita de intenso cuidado em cada umas de suas muitas etapas. Gramsci (2014) aponta como exemplo a ser superado a própria Igreja Católica em seu eficiente trabalho de tornar o cristianismo senso comum, desta forma, nessa intensidade o projeto de escola unitária deve ser desenvolvido.

Este esquema de organização do trabalho cultural segundo os princípios gerais da escola unitária deveria ser desenvolvido, cuidadosamente, em todas as suas partes e servir de guia na constituição mesmo do mais elementar e primitivo centro de cultura, que deveria ser concebido como um embrião e uma molécula de toda a estrutura mais maciça. Mesmo as iniciativas que se sabem transitórias e experimentais deveriam ser concebidas como capazes de ser absorvidas no esquema geral e, ao mesmo tempo, como elementos vitais que tendem a criar todo o esquema. (Gramsci, 2014, p. 42)

O aluno não é apenas um receptor passivo, mas sim um sujeito ativo no processo educativo, construindo a si mesmo enquanto traz suas experiências concretas para o contexto educacional. O conceito de Escola Unitária de Gramsci propõe uma abordagem mais ampla da educação, indo além da simples transmissão de conhecimentos. Ele busca promover uma formação integral dos indivíduos, preparando-os não apenas para o mercado de trabalho, mas também para se tornarem cidadãos críticos e ativos na sociedade. Essa visão enfatiza a importância de desenvolver habilidades e valores que capacitem as pessoas a participarem plenamente na vida social, política e econômica. A Escola Unitária busca integrar teoria e prática, fornecendo um programa educacional contínuo tanto para a classe trabalhadora quanto para os professores, permitindo-lhes adquirir habilidades científicas e tecnológicas avançadas relevantes para seu trabalho profissional. Assim, ela representa uma perspectiva de educação mais abrangente, que visa não apenas reproduzir as relações sociais existentes, mas também transformar a sociedade de forma progressista e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de Marx entendemos que o trabalho é uma atividade específica à espécie humana, pela qual os seres humanos transformam a natureza para atender às suas necessidades, não apenas para satisfazer necessidades imediatas, mas também para conceber objetivos futuros. O trabalho humano é geralmente realizado em conjunto com outros indivíduos em um contexto social, envolvendo divisão do trabalho e relações sociais complexas. Assim, trabalho não é apenas uma atividade de transformação da natureza, mas também um processo através do qual os seres humanos se relacionam e desenvolvem-se como seres sociais. A educação é uma prática social intrinsecamente ligada às relações de produção de uma determinada sociedade. O tipo de educação fornecido reflete as necessidades e estruturas de produção da sociedade, ou seja, a educação surge diretamente do trabalho e é influenciada pelas relações advindas dele.

Conforme trabalhado ao longo do primeiro capítulo, Saviani destaca que o trabalho não é apenas uma atividade econômica, mas também uma atividade social e cultural que organiza a vida em sociedade. Ele afirma que a educação surge como uma forma de socialização que prepara os indivíduos para desempenhar papéis na produção e reprodução da sociedade. As práticas educacionais são moldadas pelas necessidades do sistema de produção dominante e pelas relações de poder existentes na sociedade. A educação possui um importante papel na reprodução das relações sociais, já que, ao longo dos anos a educação foi dividida em duas modalidades distintas, uma destinada à classe proprietária, focada em atividades intelectuais, e outra vinculada ao próprio processo de trabalho, destinada à maioria não-proprietária.

Com o surgimento da sociedade capitalista, o mercado passou a determinar o consumo, e a produção se organizou em torno da indústria nas cidades. Nesse contexto, o acesso à cultura intelectual, incluindo a alfabetização, tornou-se uma exigência generalizada. A escola emergiu como o principal instrumento para acesso a essa cultura. Com a consolidação da nova ordem social trazida pela Revolução Industrial, houve uma redução na necessidade de qualificação específica devido à introdução da maquinaria, que assumiu muitas funções manuais anteriormente realizadas pelos trabalhadores. Se fez necessária, então, a dualidade na educação, com escolas profissionais para os trabalhadores e escolas críticas e ligadas a intelectualidade para os futuros dirigentes. Isso reflete uma desigualdade na formação, onde as elites eram preparadas para funções de destaque na sociedade, enquanto os trabalhadores recebiam uma formação prática e limitada (Saviani, 2007).

As relações de produção, que constituem a estrutura econômica, formam a base sobre a qual todas as outras instituições sociais se apoiam. Essa estrutura econômica, por sua vez,

determina a superestrutura, que desempenha um papel fundamental na perpetuação e legitimação das relações de poder existentes na sociedade, favorecendo os interesses da classe dominante. Dentro desse contexto, a educação é considerada uma parte essencial da superestrutura ideológica e cultural. Saviani amplia essa perspectiva ao mostrar como a educação se origina das relações de trabalho e tem um papel central na reprodução das hierarquias sociais e na formação da consciência de classe. Isso significa que a educação não é meramente um processo de transmissão de conhecimento de forma neutra, mas está intimamente ligada às relações de produção e reprodução que moldam a sociedade.

Através do trabalho de Ana Carolina Christóvão e Maria Comes Muanis (2022), exploramos duas interpretações a respeito da educação no sistema capitalista. Uma delas é materialista, que considera a escola como uma instituição que perpetua as classes sociais, mantendo os filhos dos operários nessa condição. A outra é culturalista, que enfatiza as diferenças culturais e argumenta que os jovens da classe operária têm dificuldade em se identificar com o ambiente escolar e seu conteúdo curricular. Embora essas abordagens tenham diferenças, ambas estão enraizadas na ideologia marxista, utilizando o método materialista como base de seus trabalhos. Segundo o estruturalismo a escola ensina a submissão e a conformidade, preparando a classe operária para servir aos interesses das classes dominantes. E a escola desempenha um papel essencial na reprodução da ideologia burguesa, exercendo controle desde a infância e moldando a mentalidade das pessoas de acordo com os interesses da classe dominante. Enquanto o culturalismo entende essa como uma possível e extremamente difundida e real faceta das escolas, mas também procura entender a importância de levar em conta as atividades humanas e as nuances sociais ao analisar a sociedade capitalista.

Duas abordagens dentro do marxismo, o estruturalismo e o culturalismo, tratam de formas diferentes como a escola está relacionada à classe social. O estruturalismo vê a escola como uma ferramenta de manutenção das hierarquias sociais, ensinando valores e ideologias que perpetuam as desigualdades existentes. Essa perspectiva considera a escola como uma instituição que treina os trabalhadores para aceitar e perpetuar as condições sociais vigentes na sociedade capitalista e nada mais. Por outro lado, o culturalismo também enfatiza a importância das questões culturais na compreensão das desigualdades educacionais. Essa perspectiva destaca como as diferenças culturais entre as classes sociais impactam a vivência educacional dos indivíduos. A cultura predominante, associada às classes privilegiadas, recebe destaque e é promovida na escola, ao passo que as culturas das classes trabalhadoras frequentemente são marginalizadas. Essa disparidade na experiência educacional dos alunos de diferentes origens

sociais dificulta o envolvimento dos alunos das classes trabalhadoras com a instituição de ensino.

Construímos aqui que a educação é profundamente influenciada pelas relações de produção e reprodução social presentes na sociedade. As diferentes abordagens, como o estruturalismo e o culturalismo dentro do marxismo, oferecem perspectivas distintas sobre como a escola opera dentro desse contexto. Autores como Gramsci enfatizam a necessidade de considerar as particularidades sociais e a ação dos sujeitos na análise da educação. Isso sugere que uma abordagem rígida, que exclua a possibilidade de resistência e transformação social, pode ser limitada. A educação não é um processo neutro de transmissão de conhecimento, mas está ligada às relações de produção da sociedade. Ela reflete e perpetua as desigualdades sociais, ao mesmo tempo em que pode ser um espaço para resistência e transformação, dependendo das interpretações e ações dos indivíduos e grupos envolvidos.

Daí enfatizamos a importância de conhecer a escola unitária, que vem a ser uma proposta para a educação que não se limita apenas a essa esfera da sociedade, mas entende a educação como um setor interligado a diversos outros, através da proposta da escola unitária é possível contemplar diversas problemáticas da educação ao longo dos anos, em diversos períodos históricos, tal como atualmente. No entanto, essa abordagem abrangente tem sido impossível de ser realizada em sociedades regidas pelo capitalismo, onde historicamente a educação tem sido negada, especialmente à classe trabalhadora. Em uma sociedade capitalista, onde os meios de produção se tornam cada vez mais tecnológicos em constante expansão surge também a demanda por uma força de trabalho especializada que evidencia cada vez mais uma dicotomia antiga na educação, parte dela direcionada aos filhos da elite, com o propósito de formar futuros líderes e acadêmicos, e outra direcionada aos filhos dos trabalhadores, focada em proporcionar habilidades profissionais para lidar com as demandas imediatas.

Nesse panorama, toda cultura e conhecimentos acumulados pela humanidade, pertencentes a todo o conjunto de indivíduos nela inseridos, ficam distribuídos de forma desigual: uma classe é privilegiada, desfrutando indiscriminadamente dos proveitos advindos do trabalho humano e do acúmulo da produtividade material, através dos avanços tecnológicos e científicos; a classe trabalhadora, entretanto, está exposta àquilo que de pior a sociedade capitalista produziu, todo tipo de mazelas sociais, violência, desemprego, precarização dos serviços básicos, dentre outras incontáveis. Diante deste cenário, os complexos sociais como saúde e educação, dentre outros, deixam de existir como direito e passam a ser serviços disputados no mercado, voltados às demandas comerciais de competição e adequação a este sistema (Jataí; Ribeiro, 2016, p. 2).

No estudo de Willis (1991), a escola é vista como um ambiente onde os alunos da classe trabalhadora são socializados para aceitar e internalizar valores, normas e expectativas que os preparam para ocupar posições subalternas na hierarquia social, os alunos da classe trabalhadora são direcionados para cursos de formação profissional e programas menos

acadêmicos, limitando suas oportunidades de acesso ao ensino superior e a empregos mais qualificados, a escola é retratada como um ambiente autoritário e hierárquico, onde os alunos têm pouca voz em sua própria educação e os professores são frequentemente vistos como agentes da patentes mais altas desta hierarquia. É possível notar que o sistema escolar muitas vezes leva à alienação e ao conformismo dos alunos, que de uma forma ou de outra internalizam os valores da classe trabalhadora e se submetem às normas e expectativas impostas pela organização social capitalista.

Um exemplo atual que podemos pensar é a Reforma do Ensino Médio (Brasil, 2017), aprovada no segundo ano do governo de Michel Temer (Movimento Democrático Brasileiro). A reforma brasileira teve como foco principal a reestruturação curricular e organizacional do ensino médio, visando aumentar a flexibilidade do currículo e ampliar as oportunidades de formação técnica e profissionalizante, o que podemos entender como a manutenção das hierarquias sociais existentes, já que as mudanças educacionais não abordam de forma significativa as disparidades de acesso à educação de qualidade entre diferentes grupos socioeconômicos e não se propõe a formar o indivíduo para além da função de trabalhos precarizados, segundo a Lei 13.415/17⁶.

Nesse sentido é necessário que o estudo das políticas educacionais considere o papel da ideologia, entendida não no sentido de visão distorcida da realidade, mas como “forma específica de consciência social, materialmente ancorada e sustentada”, pois as políticas educativas expressam as ideologias que se configuram a partir da materialidade social. Sendo assim, sua compreensão efetiva depende da apreensão da lógica global de um determinado sistema de produção, pois essa tende a influir nas políticas educacionais para que contribuam para a reprodução de tal sistema. Daí que não basta apenas a defesa da perspectiva de educação democrática e participativa com vistas à formação cidadã (emancipação política), como propõe a contrarreforma do Ensino Médio. Há necessidade de uma educação que proponha, além disso, a emancipação humana (Ferretti, 2018, p.27).

A escola unitária é um conceito desenvolvido pelo filósofo italiano Antônio Gramsci. Ele propôs esse modelo educacional como uma alternativa à estrutura tradicional, que historicamente perpetuava divisões sociais. A escola unitária busca integrar diferentes camadas da sociedade em um único sistema educacional, onde todos os estudantes teriam acesso a uma educação abrangente, que não apenas forneceria conhecimentos técnicos e profissionais, mas também promoveria o desenvolvimento intelectual, crítico e humano de cada indivíduo. Dentro desse contexto, seria um ambiente onde não haveria distinção entre filhos das elites e filhos dos trabalhadores. Em vez disso, todos os alunos receberiam uma educação igualitária e completa, que os capacitaria a entender e a enfrentar os desafios da sociedade de maneira mais ampla e

⁶ Houve nova lei aprovada pela Câmara dos Deputados em 2024 que altera e acrescenta pontos à lei citada acima, no entanto, não é contemplada neste trabalho, devido ao tempo hábil.

justa. Essa concepção de escola reflete a importância da educação como uma ferramenta para promover a conscientização e a transformação social, contribuindo para a construção de uma sociedade mais igualitária e democrática.

Para garantir que todos os alunos tenham acesso igualitário a uma educação de qualidade, independentemente de sua origem socioeconômica, geográfica ou étnica, seria necessário uma série de mudanças na estrutura que temos hoje. Desenvolver um currículo que integre diferentes áreas do conhecimento, promovendo uma compreensão abrangente e crítica do mundo ao redor; capacitar os professores para implementar efetivamente o modelo de escola unitária, proporcionando-lhes formação pedagógica e recursos adequados para atender às necessidades diversas dos alunos; criar um ambiente escolar que promova a inclusão, o respeito mútuo e a valorização da diversidade, garantindo que todos os alunos se sintam seguros e apoiados em sua jornada educacional; envolver ativamente a comunidade local no processo educacional, reconhecendo o papel dos pais, cuidadores e membros da comunidade como parceiros no desenvolvimento e no sucesso dos alunos; garantir a disponibilidade de recursos educacionais adequados, incluindo infraestrutura escolar, materiais didáticos, tecnologia e apoio financeiro; implementar sistemas de avaliação que valorizem o progresso individual dos alunos, em vez de focar apenas em resultados padronizados de testes; comprometimento por parte dos governos e autoridades educacionais para implementar e sustentar as mudanças necessárias, incluindo investimentos financeiros adequados e políticas educacionais que promovam a equidade e a justiça social. Esses são pontos gerais que guiarão mudanças necessárias na educação, certamente perpassando cada questão levantada se multiplicariam as ações a serem feitas, afinal, não se altera uma estrutura de uma hora para outra, no cenário atual seria necessário trâmites burocráticos, iniciativas governamentais, criações de novos cargos, entre tantos outros passos. O que pode gerar um imenso sentimento de frustração e falta de perspectiva. Enquanto isso desejamos muita força aos tantos professores e professoras que batalham diariamente em suas escolas públicas mal estruturadas, com pouquíssimo incentivo, acreditando em uma escola inclusiva e democrática.

Dentro do contexto marxista, a compreensão da educação vai além de simplesmente transmitir conhecimentos; ela é vista como uma ferramenta das relações de produção que moldam a sociedade. Marx argumenta que as relações de produção - ou seja, a forma como os seres humanos organizam a produção e distribuição dos bens materiais - são a base sobre a qual todas as outras instituições sociais se apoiam. Isso inclui não apenas a economia, mas também a política, a cultura e, como foco deste trabalho, a educação. As estruturas sociais e econômicas existentes determinam em grande medida o acesso e a qualidade da educação disponível para

diferentes grupos sociais. Em sociedades capitalistas, onde a propriedade privada e a busca pelo lucro são fundamentais, a educação muitas vezes reflete e reproduz as desigualdades sociais. Por exemplo, as crianças de famílias mais ricas tendem a ter acesso a escolas de melhor qualidade, com mais recursos e oportunidades, enquanto as crianças de famílias mais pobres enfrentam escolas precárias e com menos recursos.

Portanto, a busca por uma educação mais inclusiva implica não apenas reformar o sistema educacional em si, mas também transformar as estruturas sociais e econômicas que perpetuam as desigualdades. Isso significa abordar questões como distribuição de riqueza, acesso equitativo a oportunidades educacionais, garantia de condições de vida dignas para todos e a criação de políticas públicas que promovam a inclusão e a igualdade. Além disso, uma transformação mais ampla das estruturas sociais e econômicas vigentes também requer uma mudança na forma como a sociedade valoriza o trabalho e a educação. Em uma sociedade verdadeiramente igualitária, o trabalho e a educação seriam vistos como direitos fundamentais, não como mercadorias a serem compradas e vendidas no mercado. Isso significa garantir que todos tenham acesso não apenas à educação básica, mas também à educação superior e contínua, independentemente de sua origem ou status socioeconômico. A compreensão da educação dentro do contexto marxista destaca a interconexão entre as relações de produção, as estruturas sociais e econômicas e o sistema educacional. A busca por uma educação mais justa requer abordar não apenas o sistema educacional, mas também as desigualdades sociais e econômicas mais amplas que moldam a sociedade.

Ao formular a escola unitária, Gramsci busca criar um modelo educacional que vá além da mera transmissão de conhecimentos e habilidades técnicas. Uma escola que promova uma formação integral dos indivíduos, capacitando-os não apenas intelectualmente, mas também social e politicamente. Essa escola deve ser democrática, inclusiva e acessível a todos, independentemente de sua classe social, e deve ter como objetivo não apenas preparar os alunos para o mercado de trabalho, mas também para se tornarem cidadãos críticos e ativos na sociedade. Em suma, a compreensão da educação dentro do contexto marxista destaca a importância das relações de produção na formação da sociedade e na reprodução das desigualdades sociais. A busca por uma educação mais igualitária requer não apenas a reforma do sistema educacional, mas também uma transformação mais ampla das estruturas sociais e econômicas vigentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, p. 1, 17 fev. 2017. PL 13.415/2017.

CHRISTÓVÃO, Ana Carolina; MUANIS, Maria Comes. Teorias da reprodução: marxismo, estruturalismo, desencanto e possibilidades de resistência. *In: HONORATO, Gabriela; ZUCCARELLI, Carolina. Educação e sociedade: análises sociológicas. Faculdade de Educação – UFRJ: Rio de Janeiro, 2022. pp. 35-72.*

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. Boitempo: São Paulo, 2007.

FERRETTI, Celso João. A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação. *In: Estudos Avançados, v. 32, n. 93, mai. 2018, pp. 25-42. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/RKF694QXnBFGgJ78s8Pmp5x/?lang=pt&format=html#MoldalTutors>>. Acesso em: 19 mar. 2024.*

FIORI, Giuseppe, A vida de Antonio Gramsci. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1979.

GRAMSCI, Antonio. *Cartas do Cárcere*, volume 2. 1ª ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2005.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, volume 2. 7ª ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2014.

JATAÍ, Renata Pimentel; RIBEIRO, Ellen Cristine dos Santos; SOBRAL, Karine Martins. Omnilateralidade, politecnia, escola unitária e educação tecnológica: uma análise marxista. *In: Jornada internacional de estudos e pesquisas em Antonio Gramsci: Práxis, formação humana e a luta por uma nova hegemonia, Fortaleza. Universidade Federal do Ceará – Faculdade de Educação, 2016. Disponível em: <<http://www.ggramsci.faced.ufc.br/wp-content/uploads/2017/06/OMNILATERALIDADE-POLITECNIA-ESCOLA-UNIT%C3%81RIA-E-EDUCA%C3%87%C3%83O-TECNOL%C3%93GICA-UMA-AN%C3%81LISE-MARXISTA.pdf>> Acesso em: 14 mar. 2024.*

- MARTINS, Marcos Francisco. Gramsci, educação e escola unitária. *In: Educação e Pesquisa*, v. 47. São Paulo. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/X3MD3XtH4YVQfXndFDBDtws/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2024.
- MARX, Karl, *Contribuição à crítica da economia política*. 2ª ed. Expressão Popular: São Paulo, 2008.
- MARX, Karl, *O Capital: crítica da economia política: livro 1: o processo de produção do capital*. 2ª ed. Boitempo: São Paulo, 2017.
- MENDONÇA, Sonia Regina de. O Estado ampliado como ferramenta metódica. *Marx e Marxismo*, Niterói, v. 2, n. 2, jan./jul. 2014, pp. 27-43.
- MELO, Maria Lúcia; RODRIGUES, Denise Simões. Gramsci e a educação. *In: Jornada internacional de estudos e pesquisas em Antonio Gramsci: Práxis, formação humana e a luta por uma nova hegemonia*, Fortaleza. Universidade Federal do Ceará – Faculdade de Educação, 2016. Disponível em: <<http://www.ggramsci.faced.ufc.br/wp-content/uploads/2017/06/GRAMSCI-E-A-EDUCA%C3%87%C3%83O.pdf>> Acesso em: 04 mar. 2024.
- SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *In: Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 34. jan. / abr. 2007. pp. 152-180.
- THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. 4ª ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1987.
- WILLIS, Paul. *Aprendendo a ser um trabalhador: escola, resistência e reprodução social*. Artes Médicas: Porto Alegre, 1991.

ANEXO I

- 1) A Escola, a educação e a cultura em geral devem se preocupar com a formação dos quadros dirigentes do futuro Estado Proletário Revolucionário, através de uma educação cultural de interesse coletivo, priorizando-se uma formação integral da sociedade;
- 2) O não rebaixamento cultural e escolar das classes populares com vistas a não discrimina-las na aparente “capa” de projetos assistencialistas de proteção aos pobres, pois estes precisam apenas de igualdades de condições sociais para estudar;
- 3) Integração da Cultura do novo humanismo com a educação politécnica profissionalizante no campo do ensino superior, pois antes do futuro profissional existe o “ser humano”, que não deve ser impedido de percorrer os mais amplos horizontes do desenvolvimento intelectual e humano para ser subjugado apenas à ditadura da monotecnia da máquina capitalista;
- 4) Implantação de um programa escolar concreto que se baseie em uma Escola de Liberdade, culta e viva, desenvolvendo as capacidades necessárias à formação produtiva mais científica e tecnologicamente avançada, sem se restringir ao regime mecanicista da alienação do trabalho capitalista;
- 5) Transformação da Universidade Academicista e religiosamente dogmática em uma Universidade Popular, que priorize a integração do espírito criativo ao conteúdo do novo humanismo, tornando-a em uma chama viva de educação transformadora, cujo método historicizado, é o único capaz de vivificar e recriar a Ciência, tendo em vista formar cientistas humanizados que reconstituam a história por outros homens vividos, pois só se refazendo o caminho dos homens, é que se aprende a caminhar e avançar cada vez mais;
- 6) Criação de uma Associação de Cultura Popular com objetivos revolucionários e limites de classe definidos, para atuar como o primeiro núcleo de uma vasta rede organizada em Círculos Populares de Cultura, genuinamente socialista;
- 7) Desenvolvimento de um programa político-cultural de divulgação socialista através da educação das massas analfabetas, enraizada na cultura do senso comum para a conquista da adesão do povo, mas ultrapassando a consciência ingênua, em direção a uma educação qualitativamente superior, com vistas a criar um ambiente culturalmente enriquecedor, de amplos horizontes político, cultural e ideológico, pois não se alfabetiza pela força, mas quem se motivou a ler e a escrever politicamente à sua realidade social, para transformá-la;
- 8) Implantação de uma Política Nacional de Educação efetiva e revolucionária com base nos Conselhos de Fábricas e nas Comunas Camponesas, nos quais os Sindicatos dos Trabalhadores e o Partido Proletário devem se apoiar;

- 9) Tornar o Partido Político do Proletariado em um grande “educador-coletivo” que não deve nunca se descolar das práticas produtivo-organizativas de base, ou seja, das Comissões Internas dos Conselhos de Fábrica no campo e na cidade, transformando-o numa grande Escola Política que se nutre dessas Organizações, para construir a estrutura do novo Estado Socialista;
- 10) Implantação de uma “Escola por Correspondência”, cujo trabalho educativo deveria se restringir aos elementos inscritos no Partido Proletário Revolucionário, alternativa pedagógica possível diante da perseguição de Mussolini, para manter contato com os filiados, cuja metodologia dos cursos deve se pautar na formação profunda de experiências entre os companheiros;
- 11) Adoção do trabalho como princípio pedagógico formativo na educação das crianças e adolescentes, não de um trabalho ou atividade qualquer, mas do trabalho produtivo como princípio científico e educativo em sua forma hegemonicamente avançada, descartando-se assim, as formas arcaicas e artesanais, características de uma sociedade passadista;
- 12) Todas essas proposições culminaram com a implantação de uma Escola de novo-tipo, historicamente mais orgânica com o mundo do trabalho industrial moderno, ou seja, uma Escola Unitária, de cultura geral, humanista e formativa do novo cidadão socialista, que relacione de forma equilibrada o desenvolvimento da capacidade do trabalho politécnico científico-industrial com o desenvolvimento intelectual de uma educação integral que o capacite como futuro dirigente e autogestor de suas destinações históricas.